

# EXPEDIENTE

REITORIA      PROFA. DRA. KÁTIA JORGE CIUFFI  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO      PROF. DR. ÉLCIO RIVELINO RODRIGUES  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO      PROFA. DRA. KÁTIA JORGE CIUFFI

---

## NÚCLEO DE PROJETOS E PESQUISA EM DESIGN

COORDENAÇÃO      PROFA. MA. ANA MÁRCIA ZAGO  
ORIENTAÇÃO      PROF. ME. RODRIGO A. DE SOUZA  
EXECUÇÃO      TALITA FERNANDA DE SOUZA MARQUES  
CAPA      PROF. DR. FERNANDO APARECIDO FERREIRA

### Catálogo na fonte Biblioteca Central da Universidade de Franca

F491t

Figueiredo, Maria Flávia (org.)

Trajetória das paixões : uma retórica da alma / Maria Flávia Figueiredo, Acir de Matos Gomes, Luana Ferraz, organizadores; Grupo PARE (Pesquisa em Argumentação e Retórica). Franca, SP: Unifran, 2020.

Recurso digital

ISBN 978-65-88194-08-9

1. Linguística – Retórica. 2. *Pathos*. 3. Paixões – Trajetória. I. Gomes, Acir de Matos. II. Ferraz, Luana. III. Grupo PARE (Pesquisa em Argumentação e Retórica). IV. Título

CDU – 801:82-085

## AMPLIAÇÃO E APLICABILIDADE ANALÍTICA DA “TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES”

---

*Maria Flávia Figueiredo*

*Para Aristóteles, a Retórica abrangia, como podemos observar, o que hoje chamamos de Psicologia. Claro: sem conhecer os sentimentos das pessoas, o retórico nunca conseguiria instigá-las, conquistá-las!*

(Ricardo da Costa)

Na célebre obra de Aristóteles, *Retórica*, o filósofo demonstra que é possível entender o que leva as pessoas a se convencerem ou, até mesmo, serem persuadidas. É claro que esse não é um processo tão simples e, por essa razão, demanda do analista um espírito investigativo e sensível.

Este trabalho é fruto das inquietudes instigadas por Aristóteles em mim que, como linguista, resolvi me aventurar nos meandros da Retórica e, necessariamente, como alertou Costa na epígrafe, da Psicologia.

Para entender o que leva uma pessoa a ser persuadida, o filósofo de Estagira explica que todo ato comunicativo se estabelece por meio de um tripé, que é constituído por aquele que profere o discurso, aquele a quem o discurso se dirige e o discurso propriamente dito. Essas três instâncias se denominam, respectivamente, *ethos*, *pathos* e *logos*.

O estabelecimento desse tripé é apenas o início de uma investigação sem fim, que, em cada ocorrência discursiva, será posta à prova para iluminar o caminho investigativo do analista e lhe proporcionar os *insights* necessários para o entendimento de dada questão. Assim, cada uma das instâncias (*ethos*, *pathos* e *logos*) trará seus conceitos e suas subdivisões subjacentes que contribuirão para o desvelamento dos atos discursivos.

São muitas as possibilidades fornecidas pela Retórica para levar o pesquisador a uma análise adequada. Neste trabalho, elegemos apenas um enfoque, que, como veremos, será o suficiente para instigar todas as pesquisas que compõem este livro.

A teoria retórica é tão abrangente e completa que merece ser segmentada e destrinchada em cada uma de suas repartições. É o que buscaremos realizar por meio deste capítulo teórico e das análises presentes em cada um dos capítulos subsequentes. Todos eles serão iluminados por um único enfoque: o da trajetória das paixões.

Daí, surge a pergunta: a que parte da teoria essa trajetória se vincula? Todo o trabalho de descrição presente no que denominamos Trajetória das Paixões se destina a uma ampliação do entendimento da instância do *pathos*. Como dissemos anteriormente, esse vértice do tripé retórico se refere à pessoa, ou ao grupo de pessoas, a que o discurso se destina e que, em Retórica, recebe o nome de auditório.

Aquele que profere o discurso, isto é, o orador, para ser bem sucedido em seu empreendimento persuasivo, necessita, antes de tudo, conhecer seu auditório. Essa parece ser uma ideia simples, porém, vemos que, na prática, não é o que ocorre. A maioria de nós se dirige aos interlocutores sem levar em conta o que de fato são. Como temos a tendência natural de ser autocentrados, muitas vezes esse olhar para o outro nos resulta difícil. Por essa razão, uma circunstância que pode nos levar a pensar no outro é quando queremos convencê-lo de algo, ou desejamos que concorde com o que pensamos, ou almejamos que faça algo que desejamos.

Nesse cenário, devo me perguntar: A quem me dirijo? Quais são seus valores? O que lhe interessa? O que o motiva? O que o emociona? O que o faz pensar como pensa? Ao responder essas perguntas, chego ao ponto de interesse deste capítulo e desta obra como um todo.

Com base no *corpus* aristotélico, com a contribuição ao seu entendimento trazida por Trueba Atienza (2009)<sup>1</sup> e com o subsídio de alguns aportes da Psicologia, traçamos a Trajetória das Paixões, que já se encontra descrita em Figueiredo (2018 e 2019) e que aqui será retomada e ampliada, de acordo com nossas descobertas mais recentes.

## O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO PERSUASIVO

*A palavra é mesmo uma entidade mágica. Fugidia, ela nos faz perseguir um sentido. Às vezes, se esconde e não nos permite entendê-la em plenitude, mas, ainda assim, nos arrebatava, encanta, envolve e toma conta de nossos corações e mentes.*

(Luiz Antonio Ferreira)

Em um discurso de cunho persuasivo, o orador busca despertar em seu auditório a adesão às teses apresentadas. Assim, lança mão de todas as estratégias que estão ao seu alcance para lograr tal intuito.

Um dos recursos mais eficazes à disposição do orador é o despertar de paixões<sup>2</sup> no auditório. Segundo Aristóteles, essa estratégia funciona de maneira muito efetiva, pois as emoções humanas (paixões), quando despertadas, causam alteração no auditório e introduzem mudanças em seu julgamento<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Carmen Trueba Atienza, após estudar as obras *De anima*, *Retórica* e *Poética* de Aristóteles, elaborou uma “teoria aristotélica das emoções” com o objetivo de alinhar diferentes abordagens sobre as paixões dispersas no *corpus* aristotélico. Para isso, a autora investigou as diversas engrenagens passionais (como os processos fisiológicos e as sensações de prazer e dor) e refletiu sobre os estados e processos cognitivos a fim de propor uma visão cognitivista das paixões aristotélicas.

<sup>2</sup> No arcabouço aristotélico, as paixões são vistas como “‘propriedades’, ‘atributos’, ‘afecções’ do sujeito” (FAITANIN; VEIGA, 2018, p. 39). Por essa razão, para o estagirita, “as paixões da alma fazem o elo entre mundo e linguagem” (GURGEL, 2018, p. 31).

<sup>3</sup> Esse tema foi proposto por Aristóteles no livro II de sua *Retórica*.

Para entender como esse processo se dá, Aristóteles descreve cada uma das paixões e demonstra que o orador, capaz de despertá-las em seu auditório no momento oportuno (*kairós*), fará com que este acolha a tese apresentada e chegue, até mesmo, a agir da maneira esperada pelo proponente.

Instigada por esse percurso, resolvi me debruçar sobre o tema, com o auxílio dos membros do Grupo de Pesquisa em Argumentação e Retórica (PARE), que tem sede na Universidade de Franca, desde 2013.

O resultado de minhas reflexões até o momento será descrito nos itens que se seguem.

## A PROPOSTA TEÓRICA DA TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES

*Nem a escrita é a mesma para todos,  
nem os sons pronunciados são os mes-  
mos, embora sejam as afecções da  
alma.*

(Aristóteles, *Ética a Nicômaco*)

Meu intuito, neste item, é refletir sobre a maneira com que as paixões alcançam e impactam a alma humana e, conseqüentemente, conduzem o indivíduo à ação. Para adentrar nesse percurso investigativo, contarei com as reflexões feitas pelo filósofo belga, Michel Meyer<sup>4</sup>.

Em um dos trechos de seu prefácio à *Retórica das paixões*, Meyer (2000, p. XL) declara: “lugar em que se aventuram a identidade e a diferença, a paixão se presta a negociar uma pela outra; ela é momento retórico por excelência”. Nessa barganha entre identidade e diferença, o campo passional ganha lugar e permite que o orador habilidoso possa angariar o convencimento e a persuasão de seu auditório. Em outras palavras, as

---

<sup>4</sup> Michel Meyer prefaciou a obra *Retórica das paixões* – título dado ao livro II da *Retórica* aristotélica, que, aqui no Brasil, recebeu uma edição bilíngue (português – grego). No prefácio, o pensador belga perscruta a obra de Aristóteles com notável profundidade e traz reflexões sobre a gênese das emoções desde os diálogos platônicos.

emoções funcionam como pontes entre orador e auditório e permitem a conexão e a proximidade dos homens por meio da identificação. Nesse sentido, as paixões podem ser consideradas pontífices da retórica, isto é, exercem a autoridade de consumir o ato persuasivo.

É nessa linha de raciocínio que Aristóteles afirma que, para que o julgamento esperado se efetue, é necessário que o orador ponha-se a si mesmo e ao seu auditório “em certas disposições” (ARISTÓTELES, 2000, p. 3). Nesse sentido, podemos antever que o filósofo prenuncia, no início do livro II da *Retórica*, a relevância do estado passional compartilhado entre esses dois vértices do processo persuasivo: orador e auditório. A esse respeito, Meyer (2000, p. XLI), na esteira aristotélica, constrói uma bela metáfora quando afirma: “as paixões constituem um teclado no qual o bom orador toca para convencer”.

É bom que entendamos desde o início que, para o mestre estagirita, as paixões humanas ou emoções “são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer” (ARISTÓTELES, 2015, p. 116). Essa reflexão nos leva a compreender que “para as pessoas que amam, as coisas não parecem ser as mesmas que para aquelas que odeiam, nem, para os dominados pela cólera, as mesmas que para os tranquilos” (ARISTÓTELES, 2000, p. 3). Dessa maneira, podemos entender que a experiência efetiva de uma emoção altera a ótica de quem observa e julga uma dada questão.<sup>5</sup>

Meyer (2000, p. XXXIX) corrobora a ideia de que a força das paixões reside no fato de elas comportarem dor e prazer e, conseqüentemente, desestabilizarem o ser humano. A esse respeito, ele assim se pronuncia:

---

<sup>5</sup> “A reflexão feita por Aristóteles sobre as paixões humanas foi de tamanha importância que tem sido retomada, para propósitos distintos, por pesquisadores de diversas áreas de interesse, tais como: a neurociência, a psicologia, a psicanálise, a filosofia, a linguística e a sociologia. De fato, os apontamentos do filósofo sobre a temática guiam, direta ou indiretamente, nossas concepções acerca das emoções até os dias atuais. Esse fato justifica as incursões à instância passional de inúmeros campos do saber” (FIGUEIREDO, 2019, p. 8).

“Para Aristóteles, [...] as paixões estão intimamente associadas ao prazer e ao sofrimento – por conseguinte, ao apetite sensível, o qual é flutuante e por isso desestabiliza o homem”.

Ao nos depararmos com a afirmação de Meyer de que o apetite sensível, onde incidem as emoções, é flutuante, podemos entender que as paixões estão relacionadas a situações transitórias, que, no campo da Retórica, são provocadas pelo orador. Dessa maneira, as emoções aqui discutidas não devem ser entendidas como virtudes ou vícios permanentes (FONSECA, 2000, p. XV). Outro aspecto relevante é que, na Retórica, as paixões funcionam como resposta a outra pessoa, ou como resposta à imagem que esta pessoa constrói de nós. Nesse sentido, assevera Meyer (2000, p. XLI): “As paixões refletem, no fundo, as representações que fazemos dos outros, considerando-se o que eles são para nós, realmente ou no domínio de nossa imaginação”.

Ciente do papel que as emoções exercem no discurso, Aristóteles as elenca e descreve com a perspicácia e a sensibilidade de um precursor da Psicologia<sup>6</sup>. Essa descrição se encontra no livro II de sua *Retórica*, quando o filósofo busca demonstrar que o orador deve lançar mão de tais recursos para obter, junto a seu auditório, eficiência persuasiva.

## AS PAIXÕES HUMANAS PROPRIAMENTE DITAS

*A paixão é decerto uma confusão, mas é antes de tudo um estado de alma móvel, reversível, sempre suscetível de ser contrariado, invertido; uma represen-*

---

<sup>6</sup> O legado de Aristóteles acerca da alma humana e suas reflexões sobre as paixões (ou emoções) que a acometem deram ao filósofo de Estagira o *status* de “primeiro psicólogo”.

“O termo psicologia, inclusive, foi cunhado, ao que tudo indica, pelo humanista alemão Joannes Thomas Freigius, em 1575, para referir-se justamente ao conjunto amplo de temas e problemas abordados no *De anima* de Aristóteles e nos oito opúsculos suplementares, conhecidos como *Parva Naturalia*, sobre ‘os fenômenos comuns à *psykhê* e ao corpo’ [PN 436a6-8]” (REIS, 2012, p. 16).

*tação sensível do outro, uma reação à imagem que ele cria de nós, uma espécie de consciência social inata, que reflete nossa identidade tal como esta se exprime na relação incessante com outrem. Reequilíbrio que assegura a constância na variação multiforme que o outro assume em sociedade, a paixão é resposta, julgamento, reflexão sobre o que somos porque o outro é, pelo exame do que o outro é para nós.*

(Michel Meyer)

As paixões são estados transitórios e, por essa razão, são passíveis de ser revertidas e subvertidas. Por configurarem um reflexo sensível do outro, podem ser consideradas uma ponte que conecta os seres humanos por meio do campo passional. Assim, quando uma paixão é despertada por um orador em seu auditório, temos a conexão necessária que demonstra que essa emoção está presente e unifica essas duas instâncias do tripé retórico. O auditório, ao ser tomado por uma paixão, abre as portas do seu campo sensível e permite que o orador conheça suas disponibilidades emocionais e, por consequência, suas motivações e valores. O orador, ao se inteirar dos valores presentes em seu auditório, ao ampliar seu conhecimento acerca daquele a quem se dirige, ganha precisão e segurança em seu caminho argumentativo.

Apenas como um referencial acerca das 14 paixões descritas minuciosamente pelo filósofo na obra mencionada, listaremos abaixo cada uma dessas emoções seguidas de uma brevíssima descrição<sup>7</sup>. É importante frisar que todas as paixões devem ser vistas a partir do enfoque interacional, ou seja, há sempre uma simetria ou assimetria entre os sujeitos envolvidos no seu despertar. Então, quando detectamos

---

<sup>7</sup> Nesta obra, cada uma das paixões será devidamente descrita quando de sua ocorrência nos demais capítulos analíticos que a compõem. De qualquer modo, sugerimos que o leitor interessado na temática faça a leitura da obra *Retórica das paixões* (dedicada exclusivamente ao livro II da *Retórica*) e de seu belíssimo prefácio escrito por Michel Meyer.



uma paixão, é necessário entender onde o sujeito que a sente se posiciona em relação à imagem que ele possui do outro implicado na interação.

A esse respeito, nos instrui Meyer (2000, p. XLII): “do ponto de vista das relações entre pessoas, a lógica retórica é a da distância e da proximidade: a identidade e a diferença entre os homens exprimem-se e medem-se por suas paixões; são índices e, ao mesmo tempo, parâmetros”.

Vejamus como essas relações se estabelecem na descrição de cada uma das paixões:

- **Cólera** (ira): é um impulso de vingança, causado por injustificada negligência em relação ao outro ou aos que são seus queridos. Essa paixão reequilibra a diferença causada pela insolência, pelo despeito e pelo desprezo. Consiste na tentativa de causar desgosto ao outro. Tange, portanto, ao pessoal, a questões particulares entre sujeitos.

- **Calma**: é o contrário e talvez o antídoto da cólera. Configura o estado de apaziguamento após um tormento estrondoso e recria a simetria entre os sujeitos.

- **Amor** (amizade): é desejar para alguém aquelas coisas que você considera boas (desejando-as para o outro e não para si) e tentar, ao máximo, fazer com que elas ocorram. É, pois, o laço de identidade com o outro.

- **Ódio** (inimizade): é dissociador, afasta-me do outro. É a ânsia por querer causar mal ao outro. Diferentemente da cólera, o ódio diz respeito à inimizade em relação ao geral, às classes, não ao particular. Odeiam-se aos ladrões, malfeitores e carrascos: às classes, não aos sujeitos. Quem sente cólera quer que o causador de seu tormento sinta, em seu lugar, seu mal, enquanto quem sente ódio deseja que seu alvo desapareça.

- **Temor** (medo): uma dor ou distúrbio decorrente da projeção de um mal iminente que tem caracterização destrutiva e penosa. É acompanhado

de uma expectativa. Temem-se, assim, os maus que podem nos arruinar ou arruinar quem nos é querido.

- **Confiança** (segurança): é o oposto do medo. É acompanhada da esperança (antecipação) das coisas que levam à segurança como algo próximo, enquanto as causas do medo parecem inexistentes ou distantes.

- **Vergonha**: é dor ou perturbação em relação ao presente, passado ou futuro, que achamos que tenderá ao nosso descrédito de acordo com a visão de outrem. Caracteriza a inferioridade que sentimos em relação ao outro. Colocamos o outro em um patamar mais elevado, por isso valorizamos em demasia a imagem que ele cria, ou pode criar, de nós.

- **Impudência** (desvergonha): também ocorre de acordo com a imagem que criam de nós, porém, essa concepção não nos traz dor alguma, pelo contrário, cria uma indiferença que anula qualquer possibilidade de desgosto. Denota a posição de superioridade em que nos colocamos em relação ao julgamento do outro.

- **Favor** (obsequiosidade, amabilidade): bondade desinteressada em fazer ou devolver o bem ao outro. Denota uma assimetria, pois ocupo um lugar que me permite fazer algo para o outro que, por sua vez, se encontra em uma posição de necessidade.

- **Compaixão** (piedade, misericórdia): sensação de dor, considerada como um mal destrutivo ou doloroso, que recai sobre quem não o merece. É despertada quando pensamos que nós mesmos ou alguém próximo a nós poderia sofrer tal mal, sobretudo, quando essa possibilidade parece real e alardeadora.

- **Indignação**: compreende um pesar pelos que parecem ser felizes sem o merecer ou que gozam de sucesso imerecidamente.

- **Inveja**: angústia perturbadora dirigida a um igual. A dor é sentida, não porque se deseja algo, mas porque as outras pessoas o têm. É relacionada à vontade de querer tirar, ou destruir, o que é de outrem. Sendo assim, é altamente dissociadora.

- **Emulação:** relaciona-se ao movimento de imitação ao outro. Afetamos os bens ou conquistas de outrem, que consideramos desejáveis e que estão ao nosso alcance. É uma dor sentida, não porque as outras pessoas tenham tais bens, mas porque não os temos também, o que nos impele a querer possuí-los. Diferentemente da inveja, é uma paixão associadora.

- **Desprezo:** antítese da emulação. As pessoas que estão em posição de serem imitadas tendem a sentir desprezo por aqueles que estão sujeitos a quaisquer males (defeitos e desvantagens). Assim, o desprezo pressupõe que o outro não merece o que tem pelo fato de ser inferior ao seu destino.

A lista acima exposta nos permite compreender que as paixões compõem um arcabouço no qual se inserem as mais diversas nuances dos estados da alma humana. O orador, de acordo com o seu objetivo discursivo, isto é, a tese que está defendendo, pode adentrar e explorar tal arcabouço com o intuito de inflamar a paixão adequada ao seu propósito. Uma vez configurados tais estados transitórios, a transformação do julgamento deve acontecer, bem como sua decorrente ação, o que desencadeia e performa o desenlace do processo persuasivo.

Esses seriam, então, os três estágios presentes na obra aristotélica, que aqui serão dispostos em forma de ilustração para melhor entendimento:

Figura 1 – Efeitos da paixão segundo Aristóteles



Fonte: elaboração da autora

Cientes da relevância e da eficácia desse processo, magistralmente intuído e descrito por Aristóteles, passamos a nos dedicar aos fatores que precedem o despertar das paixões. Essa reflexão se tornou o estopim da proposta teórica inicialmente descrita em Figueiredo (2018,

2019) e que será, como dissemos, retomada e ampliada para atender aos propósitos analíticos dos capítulos subsequentes. Trata-se, portanto, do percurso teórico denominado “trajetória das paixões”. Por meio dele, buscaremos compreender, não apenas o que já intuiu o filósofo de Estagira, mas, principalmente, o que permite que um orador consiga despertar a paixão adequada. Para isso, passamos a refletir sobre quais são as disposições presentes no auditório e quais são as características discursivas (presentes no *logos*) capazes de levar esse público à identificação. Esses dois estágios receberam a alcunha de “disposição” e “identificação” respectivamente. O item que se segue será dedicado à definição e reflexão de cada um deles, bem como de nossa proposta como um todo.

## A TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES SEGUNDO FIGUEIREDO

*Lugar em que se aventuram a identidade e a diferença, a paixão se presta a negociar uma pela outra; ela é momento retórico por excelência.*

(Michel Meyer)

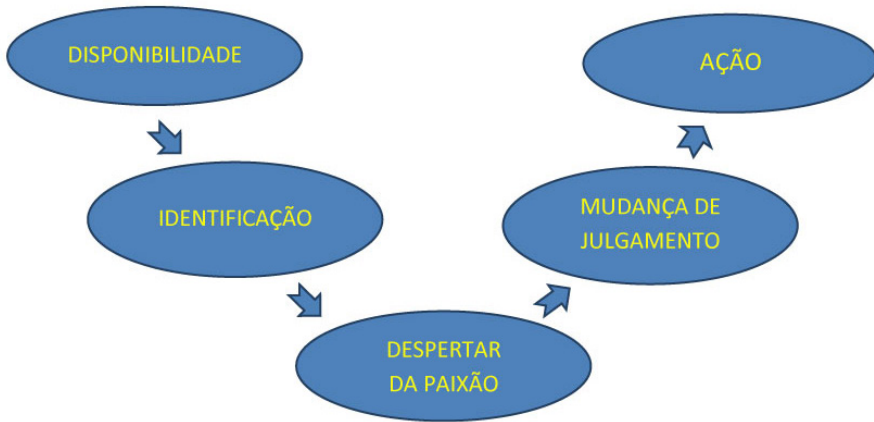
Em trabalhos precedentes (FIGUEIREDO, 2018, 2019), propusemos uma possível trajetória das paixões de acordo com o que supomos acontecer dentro do processo persuasivo. A contribuição original dessa proposta repousa inicialmente sobre os dois primeiros estágios (“disponibilidade” e “identificação”), que servirão, como veremos, de gatilho para os três estágios subsequentes (“despertar da paixão”<sup>8</sup>, “mudança de julgamento” e “ação”), já presentes em Aristóteles.

---

<sup>8</sup> Vale ressaltar que, em Figueiredo (2018, 2019), demos o nome de “alteração psicofísica” ao terceiro estágio da trajetória. Tínhamos, na época, a intenção de ressaltar o impacto da emoção sobre o corpo de quem a experimenta. Neste capítulo, com vistas a eliminar ambiguidades e ressaltar o verdadeiro cerne dessa etapa, passamos a denominá-la “despertar da paixão”.

Vejamos em que consiste nossa proposta:

Figura 2 – A trajetória das paixões



Fonte: elaboração da autora

Os parágrafos que se seguem serão dedicados à caracterização de cada um dos estágios que a compõem.

## I - DISPONIBILIDADE:

*O conceito de pathos traz consigo possibilidades e problemas mais amplos que o sentido de doença, não fazendo parte de um só campo de estudos como a palavra ‘patologia’ indica. Investigando-se com mais cuidado percebe-se que se trata de uma dimensão essencial humana. O pathos seria compreendido como uma disposição (Stimmung) originária do sujeito que está na base do que é próprio do humano.*

(Francisco Martins)

Em Retórica, a instância do *pathos* se refere ao auditório e ao conjunto de emoções nele presentes. Como mencionado, um discurso

ganha poder persuasivo quando o orador consegue, para além do campo racional, atingir habilmente o terreno passional de seu auditório. Porém, esse intento só se viabiliza quando as emoções do auditório se encontram disponíveis para a exploração do orador.

Para que possamos entender como se organiza a disponibilidade do auditório proponho que imaginemos que, em algum espaço de nossa organização mental, encontram-se as emoções que somos capazes de sentir. Elas, porém, estariam dispostas em uma prateleira imaginária, como mantimentos organizados em uma despensa. Se pararmos para pensar, em um compartimento como esse, colocamos mais à frente aqueles alimentos que utilizamos com mais frequência e deixamos mais escondidos, ou em prateleiras menos acessíveis, aqueles de que fazemos uso apenas esporadicamente. É claro que essa organização depende de cada pessoa, de cada família, e de seu conjunto de hábitos. Da mesma forma, podemos conceber a disponibilidade das emoções presentes em nós. Também de acordo com nosso conjunto de hábitos, nossas propensões psíquicas, estarão mais disponíveis, e mais facilmente afloráveis, certas emoções e não outras. Por outro lado, algumas dessas paixões estarão praticamente escondidas, acomodadas em compartimentos distantes da nossa prática cotidiana, ou que foram construídos mentalmente, como mecanismos de defesa, para que pudéssemos lidar melhor com nossos traumas.

O orador precisará, portanto, conhecer seu auditório, não apenas de forma superficial (a partir de informações como idade, raça, orientação sexual), mas de maneira muito mais íntima. Para isso, necessitará ter acesso à sua escala de valores, às suas preferências, ao seu conjunto de hábitos, para, somente assim, ser capaz de intuir a sua disponibilidade emocional.

Como nos recorda Meyer (2000, p. XLI), “para despertar tais sentimentos, é preciso conhecer os que existem antes de tudo no instigador do auditório”. Trata-se, portanto, de uma verdadeira dialética

passional, em que orador e auditório se investigam, se descobrem e se revelam.

Por meio dessa linha de raciocínio, enfatizamos que é necessária uma disponibilidade afetiva por parte do auditório para que a paixão preconizada pelo orador encontre espaço de atuação. O estágio da “disponibilidade”, portanto, refere-se à disposição emocional do auditório e à sua acolhida em relação às emoções propostas em um determinado discurso. Em outras palavras, um auditório só sentirá determinada paixão se estiver aberto, de acordo com sua pré-disposição cognitiva, a senti-la.

Uma vez que a paixão lançada pelo orador encontra espaço e ressonância no campo afetivo do auditório, a trajetória das paixões recebe aval para percorrer, de forma imbatível, a máquina humana. Chegamos, assim, ao segundo estágio.

## II - IDENTIFICAÇÃO

*A paixão é, assim, não só espelho do gênero humano, mas também sua fratura. Felizmente, as paixões tanto refletem as complementaridades entre os homens como as suas dissonâncias.*

(Michel Meyer)

Nesta etapa, tem lugar um aspecto primordial do processo persuasivo, sem o qual nenhum dos passos subsequentes se fariam possíveis. Trata-se da “identificação”.

Para refletir sobre esse estágio, começemos por nosso legado cultural. Vejamos como esse processo se corporifica em primeira pessoa: eu me identifico com aquilo que me remete a mim, que fala da minha história, que dialoga com as minhas lembranças, que respeita minha escala de valores, que trata de temas que me são caros, que me faz lembrar

pessoas que amo, que me transporta para situações marcantes (quer se trate de momentos felizes, quer se refira a ocasiões traumáticas). Eu me identifico, portanto, com tudo aquilo que revela a mim quem eu sou, mesmo que eu não tenha plena consciência disso.

Para ampliar nosso entendimento acerca desta etapa, aproveitamos o que Trueba Atienza (2009, p. 168) pôde verificar no arcabouço aristotélico sobre as paixões. Assim, propomos que, na etapa da Identificação, acionam-se “estados ou processos cognitivos, tais como: a) sensações ou percepções (*aisthesis*) [e] b) impressões sensíveis e/ou impressões racionais (*fantasia*)”. Nessa linha de raciocínio, podemos dizer que a identificação ocorre quando o ser humano se sente interpelado na alma, seja por uma percepção sensível (*aisthesis*), uma memória (*mneme*) ou uma imaginação (*phantasia*).<sup>9</sup>

Nessa mesma via de entendimento, Meyer vem nos recordar que é por meio da identificação que as paixões conseguem exercer sua “função intelectual, epistêmica; operam como imagens mentais: informam-me sobre mim e sobre o outro tal como ele age em mim” (MEYER, 2000, p. XLII).

Podemos entender, assim, que a identificação é o gatilho para o despertar das paixões. Sem esta etapa, a trajetória jamais se concretizaria. Isso porque só me sensibilizo, se antes conseguir me identificar. Quando isso acontece, chegamos ao terceiro estágio da trajetória das paixões.

### III - DESPERTAR DA PAIXÃO

*Parece também que todas as afecções da alma ocorrem com um corpo: ânimo, mansidão, medo, comisseração,*

---

<sup>9</sup> A esse respeito, confira o artigo “A dimensão cognitiva da paixão em Aristóteles” de Christiani Margareth de Menezes e Silva (2013).



*ousadia, bem como a alegria, o amar  
e o odiar – pois o corpo é afetado de  
algum modo e simultaneamente a elas.*

(Aristóteles, *De anima*)

Chegamos, então, ao ponto central da trajetória: o despertar da paixão propriamente dito. Toda a nossa reflexão repousa sobre este estágio, uma vez que só há persuasão, se houver paixão. Esta etapa funciona, pois, como o ponto de união, o eixo entre os dois pratos de uma balança. De um lado, encontram-se a “disposição” e a “identificação”, do outro, a “mudança de julgamento” e a “ação”, ao meio, como ponto fulcral e de equilíbrio, o “despertar da paixão”.

Nesta fase, o auditório, imediatamente após vivenciar os processos identitários (nele acionados por meio de elementos presentes no discurso do orador), passa, então, a experienciar as alterações e os processos fisiológicos que lhe ocasionarão as sensações de prazer e/ou dor. Assim, constatamos que as paixões afetam não somente a alma, mas também, e sobretudo, o corpo de quem as sentem. Por essa razão, a experiência sentida no corpo será responsável pelo desenrolar dos estágios subsequentes, como muito bem descrito pelo próprio estagirita: as emoções, na medida em que comportam dor e prazer, “são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos” (ARISTÓTELES, 2015, p. 116).

Vemos que a paixão não se limita a exercer uma função intelectual ou epistêmica, como ressaltado no estágio anterior. Aqui, ela atinge também o corpo, e o interpela, e o conduz, juntamente com a mente, a uma mudança de julgamento. Assim, atingimos o quarto estágio da trajetória.

## IV - MUDANÇA DE JULGAMENTO

*Os fatos não se apresentam sob o mesmo prisma a quem ama e a quem odeia, nem são iguais para o homem que está indignado e para o calmo, mas, ou são completamente diferentes ou diferem segundo critérios de grandeza. Por um lado, quem ama acha que o juízo que deve formular sobre quem é julgado é de não culpabilidade ou de pouca culpabilidade; por outro, quem odeia acha o contrário.*

(Aristóteles, *Retórica*)

Nesta fase, em função da experiência de dor e/ou de prazer oriundas da paixão, observamos um impacto nos estados ou processos cognitivos relacionados às crenças (*doxai*) ou aos julgamentos (*hypolepsis*) do auditório. Como nos recorda Aristóteles (2015, p. 116), “nesse estado, observa-se uma notável diferença nos julgamentos proferidos”.<sup>10</sup> Dessa maneira, assistimos à conjunção do corpo e da mente impulsionados por uma mesma causa.

A “mudança de julgamento” construída neste estágio estabelecerá os fundamentos para a tomada de decisão. Consequentemente, o auditório se verá convocado à “ação”. Assim, caminhamos para o desfecho da trajetória passional.

---

<sup>10</sup> Por essa razão, Solomon (1980, p. 35, tradução nossa) defende que “uma emoção é necessariamente um julgamento apressado em resposta a uma situação difícil” (“*An emotion is a necessarily hasty judgment in response to a difficult situation*”). Nesse sentido, uma emoção já é potencialmente um julgamento.

## V - AÇÃO

*Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir.*

(Antônio Suárez Abreu)

Por fim, o processo persuasivo atinge seu objetivo último, qual seja: o de conduzir o auditório à ação. Neste estágio, assistimos ao espetáculo das atitudes ou disposições do auditório para com o mundo. Assim, na esteira aristotélica sistematizada por Trueba Atienza (2009), o auditório poderá, por fim e inevitavelmente, dar vazão a seus desejos ou impulsos (*orexis*). Esse processo nos faz recordar as palavras do filósofo belga, quando afirma: “A paixão, tornada incontornável, exige a ação. Daí a obrigatória relação ética com a paixão, pois a moral se estriba numa justa deliberação capaz de ensejar a ação” (MEYER, 2000, p. XXXIV).

Somente assim, consideramos que o processo persuasivo tenha chegado ao seu fim e podemos, então, assistir ao fechamento do ciclo. Neste estágio, todas as fases precedentes exercem seu papel e evidenciam sua importância: “O circuito está fechado: há paixão porque há ação, e essa reciprocidade inscreve-se como interação de diferenças no seio de uma mesma identidade, de uma mesma comunidade” (MEYER, 2000, p. XXXVII).

## UMA PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO DA TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES

*Tive o escrúpulo de evitar, tanto quanto me foi possível, a projeção de soluções que me pareciam fugir ao caráter inaugural do texto, onde os conceitos nem sempre aparecem em sua forma*

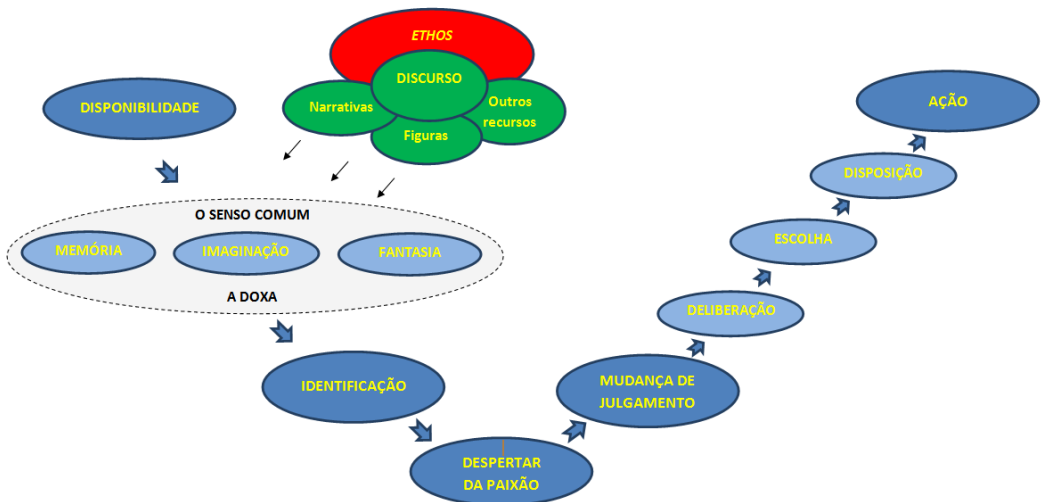
*retocada e definitiva. Os nascituros não chegam ao mundo limpos.*

(José Veríssimo Teixeira da Mata<sup>11</sup>)

No item anterior, pudemos detalhar as cinco etapas que compõem a trajetória das paixões, tais como apresentadas em Figueiredo (2018, 2019). Neste item, propomo-nos a discorrer sobre algumas reflexões que se fizeram possíveis a partir de um desdobramento das etapas primeiramente propostas.

Partiremos da ilustração desses desdobramentos para, em seguida, apresentar as reflexões que os geraram. Vejamos:

Figura 3: uma proposta de ampliação



Fonte: elaboração da autora

Mais do que criar novas etapas para a trajetória das paixões inicialmente proposta, nosso intuito, com a ilustração acima, é detalhar alguns processos subjacentes que poderão auxiliar o trabalho do analista. Assim, inserimos, em azul mais claro, elementos que remetem a processos internos ao psiquismo das pessoas que compõem o auditório.

<sup>11</sup> Acerca de sua postura como tradutor da obra aristotélica: *Da interpretação*.

Tais processos poderão, ou não, ser evocados ao longo do trabalho persuasivo. Em verde, acrescentamos uma representação da instância do *logos*, isto é, os elementos discursivos de que o orador poderá se valer para despertar as paixões almeçadas em seu auditório. Subjacente ao discurso e evidenciado por ele, em vermelho, dispusemos a instância do *ethos*, manifestação da imagem do orador construída por meio do discurso.

É possível observar que alguns dos elementos dispostos no diagrama já estavam presentes nas descrições feitas aos cinco estágios da trajetória das paixões. Porém, a partir dessa nova forma de visualização e segmentação do processo, podemos ter acesso a níveis mais detalhados do percurso, o que, sem dúvida, facilita a atividade do analista e fornece novos *insights* para a atuação do orador.

Façamos, então, um detalhamento daquilo que já se encontra exposto de forma gráfica na Fig. 3. Como dito acima, em vermelho, está a instância do *ethos*, que representa o lugar do orador no processo persuasivo. Este, por sua vez, atua, de forma contundente, nas impressões causadas no auditório. Cabe a esse orador a criação do *logos* e as escolhas implicadas nessa construção discursiva, elementos dispostos na cor verde. A par de todas as estratégias disponíveis ao orador, demos destaque ao papel exercido pelas narrativas e pelas figuras de retórica. Isso porque, tanto umas quanto as outras possuem, tradicionalmente, a capacidade de impactar o universo emocional do auditório. Para entender como isso ocorre, partamos de uma definição de narrativa para, em seguida, descrever seus possíveis efeitos sobre o auditório.

De acordo com Baldick (2001 p. 1.665, tradução nossa), “uma narrativa consiste em um conjunto de eventos (HISTÓRIA) recontados em um processo de narração (ou DISCURSO), em que os eventos são selecionados e organizados em uma ordem particular (ENREDO)”<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> “A narrative will consist of a set of events (the STORY) recounted in a process of narration (or DISCOURSE), in which the events are selected and arranged in a particular order (the PLOT)”.

As narrativas, portanto, devido a sua forma de ordenação dos acontecimentos, têm o poder de despertar a imaginação de quem as ouve. Esse elo entre narrativa e imaginação pode ser entendido por meio da definição encontrada no *Philosophy dictionary of arguments* (tradução nossa) acerca do verbete “imaginação”:

Imaginações são representações mentais de situações não presentes, eventos, estados, percepções sensoriais, experiências com determinadas características, tons, sequências sonoras, sons, ruídos, vozes, cheiros, calor, frio etc. A imaginação de algo indefinido não é possível. A compreensão de uma frase pode criar uma ideia da situação ou imagem correspondente.<sup>13</sup>

As narrativas, portanto, conduzem a mente à imaginação. Nesse sentido, Lakoff (2009), em sua obra *Political mind*, defende que, se quisermos apagar uma narrativa ou diminuir sua relevância na mente de alguém, a única maneira de fazê-lo é sobrepor a ela uma outra narrativa. Isso porque, em sua concepção, as narrativas não são meros conjuntos de palavras e imagens, mas são exposições capazes de penetrar nossos cérebros e fornecer modelos que passarão a definir quem somos.

A par de conduzir à imaginação, as narrativas são também capazes de despertar fantasias e trazer de volta lembranças e reminiscências. Elas podem, até mesmo, conduzir o ouvinte à rememoração e à catarse.

A rememoração pode ser vista de, pelo menos, duas formas: como uma retomada do acontecimento por meio da memória, ou como uma nova vivência de um evento ocorrido anteriormente, como se a noção de espaço e tempo fossem rompidas e aquilo que se viveu (no passado) se atualizasse (no momento presente).

---

<sup>13</sup> “*Imaginations are mental representations of non-present situations, events, states, sensory perceptions, experiences with certain characteristics, tones, sound sequences, sounds, noises, voices, smells, heat, coldness etc. The imagination of something undefined is not possible. Understanding a sentence can create an idea of the corresponding situation or image.*”

A catarse, por sua vez, nas esferas da psicanálise e da psicologia, significa:

Rubrica: psicanálise.

operação de trazer à consciência estados afetivos e lembranças recalçadas no inconsciente, liberando o paciente de sintomas e neuroses associadas a este bloqueio

Rubrica: psicologia.

liberação de emoções ou tensões reprimidas, comparável a uma ab-reação

(HOUAISS, 2009)

A depender do discurso e de seu impacto sobre o auditório, ambas as descrições são passíveis de ser vivenciadas. Cabe ao orador construir seu discurso de forma a angariar tais efeitos em auditórios específicos.

É interessante observar que tanto a memória quanto a imaginação e a fantasia manifestam, cada uma à sua maneira, os valores e as crenças do auditório. Por essa razão, na Fig. 3, esses três elementos se encontram no domínio da doxa<sup>14</sup>, isto é, fazem parte do senso comum. Nesse sentido, podemos afirmar que, para alterar os julgamentos de um auditório, é necessário trabalhar as narrativas que subjazem ao seu conjunto de crenças e valores.

As figuras de retórica, por sua vez, exercem um poder extraordinário sobre a imaginação do auditório e também sobre a própria compreensão daquilo que está sendo proferido. A esse respeito, vejamos uma citação de Cardoso (2016, p. 66):

O sentido do espaço interior do discurso é conotado e inefável. Exprime mais do que ali é dito, pois faculta uma interpretação que extrapola o plano linguístico. O discurso

---

<sup>14</sup> “Sistema ou conjunto de juízos que uma sociedade elabora em um determinado momento histórico supondo tratar-se de uma verdade óbvia ou evidência natural”. (HOUAISS, 2009)

pode ser percebido através das ideias evocadas pelas figuras, e os discursos carentes de figura, além de mais raros, parecem distantes, isto é, são pouco envolventes e mais monótonos e cansativos. O que dá corpo ao discurso são as figuras nele introduzidas.

O raciocínio de Cardoso busca explicitar a eficácia das figuras quando adequadamente empregadas em uma construção discursiva.

Em nosso diagrama, optamos por mencionar apenas duas das estratégias que, no nosso entender, são as mais relevantes no que se refere ao despertar de paixões no auditório: as narrativas e as figuras. Obviamente que os recursos à disposição do orador são inúmeros, e caberá ao analista identificá-los em cada caso.

Passemos agora ao outro vértice da trajetória, onde foram inseridos os elementos “deliberação”, “escolha” e “disposição”. Sobre eles, teceremos apenas alguns breves comentários, que acreditamos ser suficientemente elucidativos.

Após a “mudança de julgamento”, entra em ação a “deliberação”, que nada mais é do que uma atividade da razão (*eudamoia* em termos aristotélicos)<sup>15</sup>. O indivíduo, ao perceber que aquilo que pensava sofreu uma alteração, vê-se diante de um impasse que precisa ser resolvido. Estabelece-se, aí, um questionamento, uma reflexão que tem em vista uma tomada de decisão para o planejamento de uma ação.

Nesse instante, exerce também influência o *ethos* do orador, pois, como nos recorda Aristóteles (2015, p. 69), “devemos recorrer a outras pessoas para deliberar sobre questões importantes, desconfiando de nossa própria insuficiência para discernir o que é preciso fazer”. A esse respeito e em reflexão acerca do *ethos*, Meyer (2007, p. 36) conclui magistralmente:

---

<sup>15</sup> Silva (2015, p. 9, grifo da autora), em prefácio à *Ética a Nicômaco*, esclarece: “Ora, essas deliberações passam por uma atividade da razão, a qual *funciona* como uma educação de nossos desejos. Toda essa atividade deliberativa e racional é constructo de nossa agência moral”.



Tem-se aí todo um reservatório de argumentos e de respostas que o orador veicula implicitamente ou, se tiver necessidade de se dirigir ao outro, explicitamente. Eles não têm outro objetivo senão o de sinalizar para ele [o outro]: “Eu conheço a resposta, você pode confiar em mim”.

Em decorrência desse raciocínio, o autor propõe a seguinte máxima: “o *ethos* é o ponto final do questionamento” (MEYER, 2007, p. 35, grifos do autor). Com essas palavras do filósofo belga, finalizamos nossas observações sobre a “deliberação”.

Ultrapassado esse importante passo, o auditório se vê em posição de poder fazer uma “escolha”. Na esteira do estagirita, “a escolha, de fato, é acompanhada de razão e de pensamento” (ARISTÓTELES, 2015, p. 68). Interessante observar, portanto, que razão e emoção podem andar de mãos dadas no desenlace do processo persuasivo. Porém, isso só ocorrerá quando não estivermos diante de uma paixão avassaladora, que cega e embota as vias da razão, o que ocorre com bastante frequência.

Quando o campo racional entra em ação nas decisões e escolhas que fazemos, saímos do universo estritamente passional, para adentrar no âmbito das virtudes e dos vícios. Como declara o filósofo grego, “as virtudes são certas escolhas, ou ao menos não ocorrem sem uma escolha” (ARISTÓTELES, 2015, p. 48). É nesse sentido que, na obra do estagirita, as disposições são “nosso comportamento bom ou mau relativo às paixões”. Assim, o elemento “disposição”, inserido no diagrama, funciona como a mola propulsora da atitude, é o que dispõe à ação.

Com as reflexões expostas nos parágrafos anteriores, consideramos finalizadas, momentaneamente, nossa ampliação da trajetória das paixões. Como o próprio mestre, em sua obra *Categorias*, nos ensina: a proposição e a opinião são imutáveis, enquanto durem.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> A esse respeito, ver “Comentários” do tradutor à obra *Da interpretação*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Foi com recursos largamente teóricos  
que Aristóteles chegou longe, tão longe  
que até mesmo aproximou-se de nós.*

(Maria Cecília Gomes dos Reis)

Todas as vezes que me coloco diante de algum tratado, ou mesmo de algum excerto, que compõe o *corpus aristotelicum* fico estarecida e me pergunto: como pode ser que um homem nascido há exatos 2.405 anos tenha conseguido sistematizar todas essas coisas? De onde vem tanta perspicácia metodológica e tamanho brilhantismo? Como pode ser que a neurociência no século XXI, com todo o seu aparato científico-tecnológico, venha confirmar muitos dos achados do antigo filósofo? Creio que essas perguntas vão continuar ressoando ao longo dos anos e, quem sabe até, nos próximos séculos. As respostas a elas não são simples, mas há algumas hipóteses que gostaria de deixar registradas aqui nessas considerações finais. Para isso, baseio-me no raciocínio de Reis (2012), em introdução à obra *De anima*. Aristóteles era imbuído, em todas as suas investigações, de um enfoque interdisciplinar, pois reconhecia a irredutibilidade das áreas de conhecimento e mantinha, por essa razão, a firme disposição de investigar os possíveis vínculos existentes entre elas. Além disso, e o que mais me salta aos olhos, é seu caráter não dogmático acerca dos fatos observados; ao contrário, valia-se de um espírito crítico e analítico.

Com este capítulo, espero ter contribuído para lançar uma luz, a partir das lentes de minha observação, acerca do trato aristotélico às paixões humanas. Espero ter conseguido instigar novos olhares e intrigar os pesquisadores desse fascinante campo do conhecimento.

Quero ressaltar ainda que perscrutar a instância do *pathos* tem me ajudado, mais do que nunca, a me aproximar de um entendimento daquilo que vem a ser a *psykhê*, a alma humana. Com Freud, já havia deflagrado a soberania do inconsciente e, assim, havia compreendido

que “existo onde não penso”. Com Aristóteles, fui conduzida a repensar minha natureza. Passei, então, a conceber o ser humano como aquele que, ao longo de toda sua existência, luta para ter controle racional daquilo que lhe escapa e, ao mesmo tempo, o constitui: seu universo passional.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. 5. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Prefácio de Michel Meyer. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. **De anima**. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

ARISTÓTELES. **Da interpretação**. Tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Unesp, 2013.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução do grego de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015a. (Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento, v. 1)

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução e notas de Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2015b. (Coleção a obra-prima de cada autor, 53)

BALDICK, Chris. **The concise Oxford dictionary of literary terms**. Oxford: Oxford University Press, 1990.

CARDOSO, Marco Antonio. **O papel da metáfora no discurso**. 268p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Filosofia. Programa de Pós-graduação em Filosofia. Maringá, 2016.

COSTA, Ricardo. A *Retórica* na antiguidade e na idade média. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 42, p. 353-390, 2019, Edição Especial.

FAITANIN, Paulo; VEIGA, Bernardo. Notas do tradutor. In: AQUINO, Tomás de. **Comentário ao Sobre a interpretação de Aristóteles**. Edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas: Vide Editorial, 2018.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A retórica das paixões revisitada. In: MANFRIM, Aline Pacífico; LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo; FIGUEIREDO, Maria Flávia. **O texto: corpo, voz e linguagem**. Franca: Unifran, 2018. (Coleção Mestrado, 13). p. 141-148.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A trajetória das paixões: Aristóteles, a Retórica das Paixões e suas implicações no contexto discursivo/argumentativo. **Sinergia** (Revista Científica do Instituto Federal de São Paulo), v. 20: Edição Especial – Comunicação Científica, Cognição e Persuasão, p. 6-17, set. 2019.

GURGEL, Diogo. Introdução. In: AQUINO, Tomás de. **Comentário ao Sobre a interpretação de Aristóteles**. Edição e tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas: Vide Editorial, 2018. p. 21-33.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico**. Rio de Janeiro: Houaiss/Objetiva, 2009.

LAKOFF, George. **The political mind: a cognitive scientist's guide to your brain and its politics**. New York: Penguin Books, 2009.

MARTINS, Francisco. O que é *pathos*? **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 62-80, Oct./Dec. 1999.

MENEZES E SILVA, Christiani Margareth de. A dimensão cognitiva da paixão em Aristóteles. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 4, p. 13-23, jun. 2013.

MEYER, Michel. **O filósofo e as paixões: esboço de uma história da natureza humana**. Porto, Portugal: Asa, 1994.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. (Prefácio). In: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-LI.

MEYER, Michel. **A retórica**. Tradução de Marly N. Peres. Revisão técnica de Lineide do Lago Salvador Mosca. São Paulo: Ática, 2007.

REIS, Maria Cecília Gomes. Introdução. In: ARISTÓTELES. **De anima**. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

SILVA, Rosely de Fátima. Prefácio. In: ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução e notas de Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2015. (Coleção a obra-prima de cada autor; 53). p. 7-13..

SOLOMON, Robert C. Emotions and choice. **The Review of Metaphysics**, v. 27, n. 1, p. 20-41, Sep. 1973. Disponível em: [http://www.jstor.org/stable/20126349?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/20126349?seq=1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 28 out. 2017.

TRUEBA ATIENZA, Carmen. La teoría aristotélica de las emociones. **Signos filosóficos**, México, v. 11, n. 22, jul./dic. 2009.